

## 4. A gramaticalização: objeto e pressupostos

É pela felicidade da simetria que buscamos reproduzir o mesmo formato de exposição, utilizado para analisar os pressupostos gerativistas, para expor a noção de gramaticalização. Ora, na ampla coletânea *The Oxford Handbook of Grammaticalization* (NARROG; HEINE, 2011), já se afirma que a gramaticalização é um campo da nossa área, que tem sido renovado a partir da década de 80 do século passado, não se constituindo exatamente, pelo menos por enquanto, como uma teoria fundamentada em bases epistemológicas consistentes, compartilhadas pelos pesquisadores que trabalham com essa noção. Para eles, assim:

Atualmente, abordagens e orientações teóricas de amplo alcance estão, de uma maneira ou de outra, baseadas na perspectiva da gramaticalização. Essa diversidade está associada com uma variedade de visões sobre como esse fenômeno deveria ser definido. Percorrendo os capítulos deste volume, o leitor notará que gramaticalização está longe de ser um conceito uniforme e que várias definições têm sido propostas.<sup>92</sup> (HEINE; NARROG, 2011, p.2 [tradução nossa]).

---

92 “Currently a wide range of approaches and theoretical orientations are in some way or other based on a grammaticalization perspective. This diversity is associated with a variety of different views on how this phenomenon should be defined. Going through the chapters of this volume, the reader will notice that grammaticalization is far from being a uniform concept, and various definitions have been proposed.”

De fato, os diversos textos do manual apresentam as várias interfaces da noção de gramaticalização com muitas das teorias ou áreas do campo linguístico. Não se extrai desses textos, no entanto, a preocupação em situar a noção de gramaticalização em relação aos temas de filosofia da ciência que comentamos. Em outras palavras, não se busca estabelecer, na nossa opinião, fundamentação epistemológica que, de forma articulada, venha a se constituir o núcleo rígido de uma teoria da Gramaticalização.

As várias interfaces da noção de gramaticalização têm-lhe valido objeções no sentido de autorizar a pergunta sobre se a gramaticalização é uma teoria de pleno direito ou se os resultados aos quais chega não podem ser tratados por teorias pré-existentes (NEWMEYER, 2001). Pensamos que as interações da gramaticalização com outras áreas ou teorias não implicam, necessariamente, um demérito no sentido de que a inviabiliza como uma teoria independente; note-se, nesse sentido, como o gerativismo se interage com diversos campos como a Psicologia, a Biologia Evolucionista, a Etologia etc. (DI SCIULLO; BOECKX, 2011). Na realidade, a questão passa mais por uma definição explícita do objeto de estudo da Gramaticalização, com todas as consequências que essa tarefa implica.

Vamos tentar, assim, em linhas gerais, como entendemos que deva ser articulado o núcleo rígido da teoria da Gramaticalização. Desenvolveremos essa tarefa apenas o necessário com vistas à discussão que aprofundaremos. Algumas das noções de que precisamos já obtiveram, no entanto, algum detalhamento em textos anteriores (VITRAL, 2006, 2012, 2015).

Os textos seminais de Meillet (1948 [1912]) e de Givón (1971, p.12 [tradução nossa]), o primeiro, tratando da evolução das formas gramaticais, e o segundo, com a fórmula “A morfologia de hoje é a

sintaxe de ontem”<sup>93</sup>, já apontam um recorte no fenômeno de linguagem que vai constituir o foco do campo da gramaticalização. A partir daí, vamos considerar, em primeiro lugar, que a noção de gramaticalização identifica um fenômeno de linguagem que pode ser definido da seguinte maneira:

(7) As inovações, de forma e de conteúdo, dos itens do léxico, observadas quando se comparam dois ou mais estágios de uma língua, fomentam a formação de arranjos sintáticos também inovadores.

Constata-se também que tais fenômenos dispõem de propriedades discretas, o que, aliás, é o que permite identificá-los. As propriedades desses processos de linguagem mais destacadas na literatura, ainda que se discutam contraexemplos, podem ser estabelecidas por meio das generalizações seguintes (LEHMANN, 2002; HOPPER, 1991; BYBEE *et alii*, 1994; HOPPER e TRAUGOTT, 1993; MARTELOTTA, 2010):

- (8) A. A gramaticalização é um processo diacrônico gradual.  
 B. A gramaticalização é unidirecional.  
 C. As inovações são contínuas.  
 D. Os processos de gramaticalização seguem etapas pré-determinadas por um ciclo que, de acordo com Hopper; Traugott (1993, p.7), é o seguinte: Item lexical > item gramatical > clítico > afixo.

Tomando por base (8), aproximamo-nos da oportunidade de definir o objeto de estudo da Gramaticalização. Nesse percurso, vamos estabelecer, inicialmente, que uma das tarefas principais da teoria é explicitar com que recursos teóricos garantimos que ocor-

---

93 “Today's morphology is yesterday'syntax”.

reu, ou está ocorrendo, um processo de gramaticalização. Precisamos, assim, do apoio de uma teoria semântica, para afirmar que houve inovação de conteúdo, e de uma teoria morfofonológica para garantir que ocorreu inovação formal, a qual, como o ciclo de Hopper e Traugott indica, realiza-se como redução de substância sonora. Além disso, precisamos de uma teoria sintática, uma vez que, ao haver inovação semântica e formal, os itens passam a poder tomar parte de arranjos sintáticos, até então indisponíveis, que necessitam ser descritos. Em outras palavras, são itens inovados nas duas direções apontadas que “alimentam”, conservando a hipótese gerativista, o sistema computacional internalizado, o qual, com suas operações e condições restritivas, ou princípios, produz arranjos sintáticos igualmente inovadores. Por fim, a análise comparativa da frequência dos itens, em estágios distintos da língua, em suas funções lexicais e gramaticais, mostra-se um recurso metodológico importante na identificação da ocorrência de um processo de gramaticalização e de seu espraio (VITRAL, 2006).

De acordo com o que se observa na literatura, os recursos teóricos de natureza semântica que sustentam a afirmação de que ocorreu ou está ocorrendo um processo de gramaticalização são provenientes, no mais das vezes, da intuição do pesquisador como falante nativo ou da consulta a falantes nativos da língua analisada. A tradição descritiva do significado dos itens, registrados em vários instrumentos, como, por exemplo, em dicionários etimológicos (COELHO, 2006), o que, na realidade, delega a terceiros o poder decisório, vem muitas vezes em apoio a essa análise. Pode-se adiantar que se ressentem, assim, da falta de adoção de uma teoria semântica sedimentada ou mesmo de uma posição mais fundamentada acerca de que concepção de significado interessa à Gramaticalização e como operacionalizá-la de acordo com seus propósitos. No que

concerne aos critérios que permitem afirmar a inovação formal de um item, as lacunas são comparáveis. Muitas vezes, leva-se em conta, por exemplo, a simples redução de uma forma de dissílaba para monossílaba, bastando o conhecimento e intuição tradicionais; mas, às vezes, torna-se necessário mensurar, de forma comparativa, por exemplo, a intensidade e a duração de itens para aferir a ocorrência de redução pertinente (CIRÍACO, VITRAL e REIS, 2004). São pontos que exigem desenvolvimento, o qual, no entanto, não realizaremos neste texto ainda que mais detalhes sejam comentados na seção 8, quando de nossa análise do fenômeno da negação.

Estamos agora em medida de avançar mais um pouco na busca do objeto de estudo da Gramaticalização, propondo a seguinte tarefa:

- (9) Trata-se de estabelecer a que se deve, supondo que sejam adequadas descritivamente, as propriedades da Gramaticalização destacadas em (8).

As interrogações que fazemos e a busca resultante que criam um campo teórico não podem ser ignoradas. Ora, essas propriedades, sustentadas por um volume considerável de trabalho empírico, repetem-se, não são estocásticas e, portanto, demandam fortemente a investigação de sua causalidade. O que precisamos, portanto, é definir esse “algo” responsável pelas propriedades da Gramaticalização elencadas. Defini-lo, de acordo com as escolhas contemporâneas na Filosofia da ciência, é, na verdade, definir como concebê-lo.

Trata-se exatamente do que vamos discutir na sequência do texto, mas não nos parece adequado, à primeira vista, atribuir as propriedades da Gramaticalização às propriedades internas da linguagem no sentido gerativista, ou seja, conceber a plausibilidade

de uma instância mental que as pré-determina. O caráter, aparentemente, teleológico desses processos, que implica a atuação de “mecanismos” ativos ao longo da formação histórica de uma língua, não parece ser compatível com tal perspectiva. A concepção que adotaremos é a de considerar que a linguagem, na condição de fato ou instância sócio-interativa, que estabelece, ainda que não como único fator, comunidades de fala, é a instância no seio da qual se determinam as propriedades da Gramaticalização. Mais precisamente, propomos o que se segue:

- (10) As propriedades inerentes da interação linguística numa comunidade de fala devem ser tomadas como responsáveis pelas propriedades dos processos de gramaticalização e constituem-se como o objeto de estudo da teoria da Gramaticalização<sup>94</sup>.

Descrever e analisar, portanto, as propriedades inerentes da interação linguística enquanto causas – noção que discutiremos mais em detalhes adiante – das propriedades da Gramaticalização é o nosso objeto de estudo. Deixamos para a seção seguinte o aprimoramento da definição desse objeto, de sua filiação epistemológica e de seus pressupostos e consequências.

Até lá, ocupemo-nos do fato de que, das propriedades (8), inferem-se outras tantas sobre as quais passamos a discorrer, resultando na formulação de questões adicionais que devem entrar no âmbito da teoria da Gramaticalização.

---

94 Como se sabe, a noção de comunidade de fala é complexa, sabendo-se hoje em dia que vai além do simples compartilhar de um dialeto por uma comunidade espacialmente determinada. Envolve também o compartilhamento de valores culturais, normas que definem alguma padronização do uso da língua, aspectos sociais diversos que incluem, por exemplo, a atitude perante a própria língua (MORGAN, 2009).

Tomemos, inicialmente, como objeto de reflexão, o ciclo da gramaticalização que aparece em (8). Como deve ter ficado claro nos comentários propostos, o ciclo de Hopper e Traugott trata, como estágios a ser percorridos linearmente, de etapas que envolvem o conteúdo, isto é, os estágios Item lexical > item gramatical e etapas que envolvem a forma, ou seja, clítico > afixo; todos não opacos, é claro, em relação às operações sintáticas que os alocam estruturalmente. Parece-nos adequado, assim, dividirmos o ciclo em dois grupos de subestágios:

- (11) A. item lexical > item gramatical.
- B. forma plena > clítico > afixo

Um dos argumentos que sustentam a divisão do ciclo de Hopper e Traugott em dois grupos de subestágios foi desenvolvido em Vitral e Ramos (1998). A partir da análise de processo de gramaticalização do qual faz parte o pronome “você”, mostramos que não há correlação estrita entre perda de substância fonética e perda de informação semântica, na medida em que é este pronome e não a forma mais reduzida, isto é, “cê”, que é usada, preferencialmente, como expletivo, o qual não dispõe de propriedades semânticas. Esse argumento favorece a revisão da linearidade estrita representada no ciclo de Hopper e Traugott (1993).

Outro argumento que sustenta a dissociação de dois grupos em (11) é o fato de poder ocorrer a redução de uma forma lexical sem que ela tenha de transitar, necessariamente, pela etapa gramatical. É o caso do verbo “estar” que pode ser reduzido, ou seja, “tá”, mesmo em seu uso lexical, considerando que a função de verbo de ligação é lexical, o que também, por outro lado, é objeto de disputa (VITRAL, 2006; COELHO e VITRAL, 2010). Consulte-se ainda Mar-

telotta (2010) sobre a adequação da unidirecionalidade dos processos de gramaticalização.

Uma das hipóteses que desenvolveremos com base em nossa análise dos processos de gramaticalização do fenômeno da negação é que os dois grupos de subestágios são nomologicamente determinados de forma específica.

Ainda sobre as propriedades em (8), a descrição desses processos em várias línguas tem mostrado que certos tipos de processos de gramaticalização são generalizados, ou seja, há aqueles que afetam as mesmas categorias e os mesmos conteúdos em línguas variadas independentemente da família linguística a que pertencem (TRAUGOTT; DASHER, 2005). Consideremos, por exemplo, o processo que converte os verbos lexicais “ir” e “querer” em auxiliares que exprimem futuro. O português do Brasil e o inglês são duas das línguas que desenvolveram esses recursos. Observem-se os exemplos:

(12) a. Ele vai viajar para a Europa no próximo ano.

b. *He is going to travel to Europe next year.*

(13) a. ‘Tá’ querendo chover.

b. *It will rain.*

Em (12), os auxiliares não mais exprimem “moção” e, sim, “futuro”; já em (13b), sabemos que o marcador de futuro “will” é resultado de um processo de gramaticalização que teve como fonte o verbo \*willan, wyllan, do inglês antigo (Old English), que significava “to wish”, “desire”. Este processo encontra-se em andamento no português do Brasil e não está, portanto, no mesmo estágio em que se encontra em inglês: em (13a) o item “querendo” é mais adequadamente descrito como um auxiliar modal que indica “probabilidade”,



mas é possível incluir na sua interpretação, nesse contexto, a aceção de futuridade (VIANNA, 2000).

Diante de (12) e (13), poder-se-ia tentar desenvolver o argumento de que se trata de línguas indo-europeias e que, por isso, o fato de processos similares ocorrerem se deve a essa origem comum, ainda que remota. Esse encaminhamento da questão não parece, no entanto, ser o mais adequado, ou, pelo menos, não abarca todo o problema<sup>95</sup>. Ora, itens de aceção de “moção” e “volição” são fontes de “futuro” também em línguas que não são indo-europeias. Refiro-me às línguas semíticas, como o hebraico contemporâneo e dialetos árabes, como o libanês, o egípcio, o sírio e o iraquiano (RUBIN, 2004).

Vejamos o exemplo do hebraico: o verbo *la-lexet* “ir” perde o conteúdo de “moção”, mas retém a forma e a flexão e indica “futuro” (RUBIN, 2004, p.51):

- (14) a. Ani holex la-xanut.  
 Eu estou indo à loja  
 b. Ani holex liqro et ze.  
 Eu estou indo ler isso

Nos dialetos árabes citados, é usado, para formar o futuro, o particípio “rayih”, que significa “indo” e aparece reduzido foneticamente. Vejamos um exemplo do libanês (Rubin, 2004, p.52):

- (15) Rah-iktub maktub.  
 Eu estou indo escrever uma carta

---

95 No entanto, essa possibilidade de análise poderia ser desenvolvida com alguma plausibilidade, por exemplo, para as línguas românicas. Lembre-se, a título de ilustração, que o francês dispõe do auxiliar “*aller*” para formar o futuro composto.

Já em outros dialetos árabes, como o árabe do Kuwait e do Yemen do Norte, a fonte do futuro é o verbo que significa “querer”. Segundo Fischer; Jastrow (1980, p.75), a forma do imperfeito “yibga/yibgi” deu origem às partículas de futuro “ba” e “b(i)” como no seguinte exemplo do árabe do Kuwait:

(16) *Ali b-yaktib maktub.*

Ali vai escrever uma carta

Os exemplos discutidos em (12-16) parecem mostrar um tipo de universalidade dos processos de gramaticalização. O fenômeno da formação de itens que exprimem o futuro faz surgir características universais que dizem respeito ao conteúdo dos itens que servem de fonte e de alvo dos processos de gramaticalização, o que parece atestar o que pode ser nomeado de universal de conteúdo ou substantivo<sup>96</sup>.

A amplitude do fenômeno, aliada às propriedades em (8), permite-nos a formulação das seguintes questões (HEINE *et alii*, 1991):

- (17) A. A que atribuir a universalidade de forma e a universalidade de conteúdo dos processos de gramaticalização?  
 B. Que acepções e/ou categorias são fontes de que alvos?  
 C. Dada uma categoria ou acepção, é possível definir de forma inequívoca sua fonte?  
 E. Em que medida a relação entre fontes e alvos da gramaticalização é determinada universalmente?  
 F. É possível definir que fatores determinam a escolha de determinada fonte para determinado alvo?

---

96 Chomsky (1975 [1965], p.110) distingue as noções de universais substantivos e universais formais.

As questões adicionais propostas em (17) mostram, de maneira programática, a direção pela qual a investigação empírica na área pode ter continuidade.



## **REVISÃO**

Bruna Toso

## **CAPA E PROJETO GRÁFICO**

Estúdio Guayabo

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Vitral, Lorenzo

Gramaticalização e gramática gerativa [livro eletrônico] :  
fundamentação, o problema mente/corpo e domínios de validade  
/ Lorenzo Vitral. – Campinas, SP : Editora da Abralín, 2021. -- (Altos  
estudos em linguística)  
PDF

Bibliografia.

ISBN 978-85-68990-04-9

1. Epistemologia 2. Gramática gerativa 3. Gramaticalização  
4. Linguística 5. Pragmática I. Título. II. Série.

21-81227

CDD-410

---

### **Índices para catálogo sistemático:**

1. Linguística 410

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

DOI 10.25189/9788568990049